

tado de Minas Gerais, Signatário do Manifesto dos Mineiros, em 1945. Fundou a UDN nesse mesmo ano e foi relator, por oito anos consecutivos, do Anexo do Orçamento da União relativo ao Ministério da Agricultura.

O Sr. Cid Sampaio — V. Ex.^a me permite um aparte?

O SR. AMÉRICO DE SOUZA — Com muita honra.

O Sr. Cid Sampaio — Ilustre Senador, quero associar-me às homenagens que presta o Senado da República a José Bonifácio. Fui seu companheiro da UDN. E o que impressionava na figura de José Bonifácio era o do homem que inspirava confiança, a de um homem que era capaz de tomar uma decisão nos momentos mais graves e aqueles que o seguiam compreendiam que aquela decisão de José Bonifácio era definitiva. Ele não recuava, não voltava do caminho nem deixava um amigo à distância. Leal, sempre escravo das idéias e dos princípios que defendia, José Bonifácio representou, em determinado período da vida política brasileira, a luta pela liberdade, a luta pelo restabelecimento dos direitos humanos, postergados pelos que ocupavam o Governo. Ele foi o modelo de muitos jovens que viram na sua figura de lutador, de combatente, um homem que não recuava, principalmente, um homem capaz de tomar as decisões as mais sérias no momento preciso e que percebia que a sua intervenção era decisiva. Mais moço do que José Bonifácio, aproveitei seus exemplos e o admirava como amigo, como homem de bem, como homem de caráter e como político capaz. Daí as acusações dos seus adversários — a célebre laranjeira que dá frutos à beira da estrada. Os seus adversários o acusavam, porque eram incapazes de combater-lhe. Procuravam ver em suas posições corajosas, como V. Ex.^a acabou de referir, o atributo de intrigante, mas José Bonifácio não intrigava, ele enfrentava. Enfrentava de tal modo que sabia encontrar os argumentos e as fraquezas dos que o combatiam, que, desesperados, usavam a arma da invenção, da calúnia, contra um homem que servia de exemplo a muitas gerações. Aparteando V. Ex.^a deixo o tributo da minha homenagem ao brasileiro que conheci como político, como homem de bem, como amigo, como homem de partido. Muito obrigado a V. Ex.^a

O SR. AMÉRICO DE SOUZA — Senador Cid Sampaio, o aparte de V. Ex.^a é página importante no discurso que pronuncio. Agradeço a V. Ex.^a pela eminente contribuição.

Sr. Presidente, em sua vida de parlamentar, José Bonifácio ocupou a 1.^a Secretaria da Câmara nos anos de 1958 a 1966; foi 2.^o Vice-Presidente; em 1966; 1.^o Vice-Presidente de 1966 a 1967; e Presidente da Câmara dos Deputados de 1968 a 1969. Foi Presidente, Membro e 1.^o Vice-Presidente da Comissão Executiva da ARENA entre 1965 e 1971; foi Presidente da Comissão de Constituição e Justiça de 1970 a 1971 e, cumprindo missões no exterior, foi membro da Delegação de Parlamentares Brasileiros à Conferência da União Interparlamentar de Londres, em 1953. Recebeu, com condecoração, a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito em 1968.

Deixou diversos trabalhos publicados. "A Chegada das Irmãs de Caridade ao Brasil, em 1849, "edição de 1960"; "Da Limitação do Sigilo dos Bancos de Economia Mista", "também edição de 1960; "Agradecimentos, em nome dos descendentes do patriarca da Independência àqueles que o homenagearam na Sessão da Câmara dos Deputados de 11 de julho de 1963, por motivo do centésimo aniversário do nascimento de José Bonifácio de Andrada e Silva", edição de 1963; "Conferência sobre o Patriarca José Bonifácio", edição também de 1963; "A Reforma do Poder Legislativo", edição de 1966; "As Sessões e Boletins da Câmara dos Deputados"; "A Crise do Poder no Brasil"; "Do Inquérito Parlamentar: A Escalada; memórias; Pisanelli, a Mistificação do Século; edições de 1965 e 1970.

José Bonifácio foi um parlamentar que deixou seu nome inscrito na galeria daqueles que são homens imorredouros não só na história do Parlamento brasileiro como na consciência de todos aqueles que tiveram a honra e o prazer de conviver com S. Ex.^a

Neste momento em que o Senado Federal presta sua homenagem ao grande brasileiro, recentemente desamarcado, trago, com a minha palavra, a homenagem do Partido da Frente Liberal, na convicção de que José Bonifácio continuará sendo para nós outros ...

O Sr. Marcondes Gadelha — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. AMÉRICO DE SOUZA — Pois não. Com muita honra.

O Sr. Marcondes Gadelha — Nobre Senador Américo de Souza, conheci José Bonifácio em plena ação na Câmara dos Deputados. Fui seu adversário político durante todo o tempo em que S. Ex.^a exerceu a Liderança do seu Partido. Tivemos debates e discussões muito acerbadas, mas o admirava e o respeitava profundamente e gostava mesmo do seu estilo desabado. Admirava a sua valentia, a sua inteligência e, acima de tudo, o seu comprometimento com a instituição parlamentar e com a vida política em geral. José Bonifácio era na tribuna um adversário difícil, morada, sarcástico. Era um debator temerário, que infundia, logo de início, preocupação em qualquer contendor. No entanto, sabíamos que o ardor com que se atirava à lida, no plenário daquela Casa, tinha uma vinculação, tinha uma finalidade, tinha um comprometimento último com a destinação democrática deste País. Tinha José Bonifácio a consciência de que vivíamos um período autoritário, que vivíamos um ciclo de arbítrio, mas que, de toda maneira, era preciso manter a chama acesa, era preciso manter a chama viva, era preciso manter o Parlamento debatendo, discutindo e vocalizando todo o sentimento do povo, ainda que soubéssemos que, àquela época, pouco adiantava apresentar um projeto de lei, porque não havia condição de transformá-lo em lei, ainda que também soubéssemos que, àquela época, o Congresso Nacional era apenas um cartório para homologação das decisões do Poder Executivo. José Bonifácio tinha consciência da imanência do Congresso Nacional, jamais aceitou o abandono, a derelinação a que muitos se entregavam ante os egars da força e do arbítrio. S. Ex.^a sabia que a permanência do Congresso e portanto, o futuro da democracia neste País não dependiam só da Oposição, dependiam também do Partido do Governo, dependiam também da ARENA que S. Ex.^a representava, e, por isso, estava diuturnamente na estacada, como um símbolo, ainda que a dizer que, embora lhe fossem cometidas todas as vitórias, a vitória final pelo seu trabalho era da Casa e era da instituição.

Hoje, nobre Senador Américo de Souza, recordo José Bonifácio com extrema saudade e, afinal de contas, embora adversário, S. Ex.^a era uma espécie de repositório da nossa confiança, pois sabíamos que, se ele acreditava no Congresso Nacional, podíamos acreditar também.

O SR. AMÉRICO DE SOUZA — Senador Marcondes Gadelha, sou grato a V. Ex.^a por suas palavras, que me fazem recordar a época em que ambos éramos deputados federais, companheiros de José Bonifácio, que continuará sendo para todos nós um exemplo a ser seguido: é um símbolo do Poder Legislativo que não desapareceu.

O Sr. Passos Pôrto — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. AMÉRICO DE SOUZA — Pois não, Excelência.

O Sr. Passos Pôrto — Nobre Senador Américo de Souza, custa-me acreditar esteja, nesta tarde, assistindo a uma sessão de homenagem do Senado — vale dizer do Poder Legislativo — àquela grande figura de parlamentar e de mineiro que foi José Bonifácio. Para mim, ele se identificava com a Casa, com a Câmara dos Deputados, era a própria Câmara dos Deputados — durante o período em que fomos contemporâneos, José Bonifácio simbolizava o próprio Poder Legislativo, apesar de ter herdado a formação política do seu pai, Presidente Antônio Carlos. No Poder Legislativo, foi, sem dúvida alguma, o homem que transmitiu às novas gerações que por ali passaram aquela vocação política, aquela defesa intransigente das prerrogativas do Poder Legislativo. Tenho por José Bonifácio um carinho especial. Foi quem me recebeu e a todos os que chegaram à Câmara dos Deputados nos períodos em que foi 1.^o Secretário. Devo-lhe a eleição para a Presidência do Instituto de Previdência dos Congressistas, quando o partido do Governo indicava um candidato a que todos nós achávamos que não deveria ser condutor do nosso IPC. Junta derrubamos a indicação oficial, e S. Ex.^a, pela confiabilidade que tinha no presidente eleito, destacou os recursos, que, naquela época, pela legislação do Instituto, na ausência dos parlamenta-

res, deviam ser entregues ao IPC. Como estávamos em recesso, fruto do Ato Institucional nº 5, S. Ex.^a restaurou o Instituto de Previdência dos Congressistas, porque deu, naquela época, 5 bilhões de cruzeiros. Graças a José Bonifácio esse Instituto ainda hoje vive e está assistindo milhares de famílias de ex-parlamentares e ex-funcionários das duas Casas. José Bonifácio devia ser congnominado o "Patriarca da Câmara dos Deputados", sobretudo desta Câmara de Brasília, porque foi graças a ele, na 1.^a Secretaria, que, no dia 21 de abril de 1960, pudemos transferir-nos todos, como um dos Poderes que se transferiu em definitivo para o Planalto Central. De modo que as homenagens que estamos fazendo nesta tarde serão poucas para aquele homem de Barbacena que serviu a todos nós sempre como exemplo, como paradigma do parlamentar brasileiro. Felizmente S. Ex.^a, que era herdeiro das melhores tradições de liberdade de vocação política da gente mineira, da sua linhagem, tem hoje seus filhos, e seus netos também, todos na vida pública mineira e brasileira, o que nos assegura que essa linhagem tão importante de políticos, que fizeram a independência do Brasil por séculos afora, serão eles também os aarutas da independência econômica e social de nossa Pátria. De modo que, nesta homenagem que V. Ex.^a presta neste instante, em nome de seu partido, à memória de José Bonifácio, gostaria de, numa forma singular, trazer a minha homenagem, homenagem pessoal, àquele saudoso amigo. Muito obrigado.

O SR. AMÉRICO DE SOUZA — A homenagem pessoal de V. Ex.^a Senador Passos Pôrto, é a homenagem que se reflete em todos os parlamentares, porque traz um aspecto fundamental para nós: a lembrança de ter sido José Bonifácio aquele que viabilizou o Instituto de Previdência dos Congressistas. Graças a ele, a V. Ex.^a e a outros, podemos hoje ter no Instituto — modesto, humilde até — uma relativa tranquilidade para os assuntos pessoais, quando deixarmos a vida pública.

Sr. Presidente, foi José Bonifácio Lafayette de Andrada, deputado federal por 28 anos, desde a Constituinte de 1946 até 1975. Educou toda uma geração de políticos brasileiros que passou pela Câmara dos Deputados.

Quando, nesta Casa, homenageamos a sua memória, estamos exaltando a figura de um dos maiores brasileiros que o País já conheceu, fazendo votos para que sua imagem continue a brilhar nas nossas lembranças e possa-nos nos mirar em seu exemplo, para sermos dignos também da nossa posteridade.

A homenagem do Partido da Frente Liberal, a José Bonifácio Lafayette de Andrada, associou a do Maranhão e a minha própria.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito Bem!)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana.

O SR. LUIZ VIANA (PDS — BA. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Ao longo de mais de cento e sessenta anos de existência do nosso Poder Legislativo, centenas, se não milhares de brasileiros tiveram a honra de o integrar. Quase todos passaram, uns levados pelo tempo, outros pelas eventualidades da vida pública. Alguns, entretanto, raros podem dizer, logram permanecer lembrados para sempre, inseparáveis da vida e da História parlamentar. E dentre estes, Sr. Presidente, seria desnecessário dizê-lo, e indelicadamente inscrito o Deputado José Bonifácio Lafayette de Andrada, a quem tributamos hoje o testemunho do nosso apreço e do nosso reconhecimento.

Não lhe foi fácil a imortalidade como parlamentar e homem público, pois nascera em o Brasil, ser os Andradas ainda somava o do Senador Lafayette Rodrigues Pereira. Falando de Joaquim Nabuco, escreveu Alceu de Amoroso Lima não haver "peso maior para um amigo do povo do que vir ao mundo carregado de sangue azul. Ele o tinha nas veias, e mais que tudo na responsabilidade moral e intelectual, porque trazia do berço a tradição de homens públicos carregados de serviços e de sulcos traçados na história da Pátria". Que dizermos, então, de José Bonifácio? Quem aqui terá chegado com o ônus de maior tradição? No Parlamento, era ele o quarto do mesmo nome glorioso, descendendo em linha reta do "Patriarca da Independência", tido por Otávio Tarquínio de Souza como o verdadeiro Fundador do Império. E a

acreditamos nas lembranças do sábio Eschewegl, que o conheceu pessoalmente, *daquele* herdado que o nosso José Bonifácio a loquacidade e o modo agitado de falar, de que muitos dos aqui presentes ainda estão a se recordar com traço marcante da sua rica e vibrante personalidade. Não pra, porém, no Patriarca a luminosa ascensão do nosso contemporâneo. Do Parlamento do Segundo Reinado é inseparável a figura do extraordinário orador.

José Bonifácio, o Moço, de quem Rui Barbosa, ao traçar-lhe o elogio instável, diria, na eloquência de uma síntese, que "todos os lugares que ocupou, rutilam ainda hoje da luz deixada por ele". Haverá algo de mais definitivo para inscrever no mármore da eternidade o nome de um homem público? Mais tarde, já na República, outro José Bonifácio, continuando a gloriosa trajetória dos Andradas, viria de Minas Gerais para ilustrar os Anais do Parlamento com palavra inflamada do lutador, do grande orador, que, nos *préludios* da Aliança Liberal, dividiu com João Neves da Fontoura os aplausos que exaltaram e estimularam os dias anteriores à Revolução de 1930.

Nesta, aliás, teria o jovem José Bonifácio, sobrinho e auxiliar do Presidente Antônio Carlos, o seu batismo de fogo, quando, vencida a heróica resistência da 12ª B.C., marchou com outros combatentes, inclusive Othello Braga, conforme assinalou João Neves, nas suas Memórias, para os campos da Mantiqueira. Vitoriosa a Revolução, José Bonifácio, o jovem José Bonifácio, logo nomeado Prefeito de Barbacena, não mais se dederia na contínua ascensão, que lhe assinala a laboriosa existência. Louis Barthou, num primoroso ensaio sobre, "O Político", colocou este exato conceito: "A ação é a pedra de toque pela qual se reconhece o verdadeiro político". Era como se tivesse diante dele, ao emitir esse julgamento, a própria figura trépide de José Bonifácio, cuja longa e fecunda vida se assinala justamente por uma ação que não conhece repouso ou intervalos.

Deputado à Constituinte Mineira, tendo como colegas, ilustres colegas, Afrânio de Mello Ferreira e Milton Campos, José Bonifácio, posta abaixo a ditadura do Estado Novo, chegou à Câmara Federal integrando a notável Bancada da UDN, orgulhosa do famoso, "Manifesto Mineiro", primeiro documento contra a ignomínia do Estado Novo, na hora em que lutávamos na Itália em defesa da democracia. Bancada na qual representavam a UDN os Deputados Monteiro de Castro, Magalhães Pinto, Gabriel Passos, Milton Campos, Lopes Cançado e Licurgo Leite. Durante eleições, sucessivamente eleito pelo povo de Minas Gerais, seria ele legítimo representante dos mais profundos sentimentos de grande Estado da Federação. Aqueles sentimentos há muito arraigados na alma mineira, e que Afonso Arinos *bem definiu* dizendo serem "a fusão natural entre a aspiração da liberdade e a necessidade da ordem", constante traduzida no aforismo proclamado da tribuna por um dos seus maiores líderes políticos republicanos: "Sub lege, libertas". Fora a bandeira de Carlos Peixoto, José Bonifácio seria indefectivelmente fiel a essas aspirações da sua gente. Por elas lutou sempre. E o fez com a convicção de ser dele inseparável a busca da verdade. Creio mesmo que se houvesse de escolher uma legenda que lhe traduzisse a ação parlamentar, não vacilaria em se fixar nesta frase de São Gregório Magno, por ele mesmo invocada em certa ocasião, "Se na narração de um fato verdadeiro resultar escândalo, é preferível deixar nascer o escândalo à renúncia à verdade". Desse caminho ele não se afastaria.

O Sr. Virgílio Távora — Eminentíssimo Senador, permite-me um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com muita honra, nobre Senador Virgílio Távora.

O Sr. Virgílio Távora — Ao seu primoroso discurso que com felicidade traça a figura desse homem que tanto engrandeceu Minas e a vida pública brasileira, gostaríamos que V. Ex.^a permitisse fazer algumas acceções. Já vão longe 37 anos quando estiváramos na Câmara dos Deputados, Palácio Tiradentes, Rio. Época muito difícil. O nosso Partido, dele e de todos nós perdera o Governo Federal, ao qual participara na chamada União Nacional de Dutra, e da maioria dos Governos estaduais que detinha, despojado que havia sido pela vontade popular. Getúlio voltava ao Governo e daí, do conhecimento que

tivemos com José Bonifácio, é que poderíamos dar alguns aditamentos ao que V. Ex.^a, de maneira tão brilhante, está gizando sobre sua personalidade. Aqueles atributos de audácia, de eloquência, de amor à Pátria, que caracterizavam as intervenções da chamada "banda de música" da UDN, ele acrescia aqueles herdados do seu torso natal, do tradicional político mineiro. A nós, estrangeiro na vida pública, era ele como que um guia na época em que haviam sido ceifados vários de nossos valores maiores, pela perda de mandatos majoritários disputados e não alcançados. Era justamente José Bonifácio que fazia a ponte entre os arroubos da chamada "banda de música", já citada, desse Partido, do que tão bons serviços prestou à Pátria, e a realidade dura, a realidade pungente de um Partido que estava sendo pela derrota procurado esmagar na maioria dos Estados Brasileiros. Aí, sim, sentimos toda a capacidade que estava encerrada naquele homem. Capacidade que ele devia trazer por ancestralidade de outros, porque reunia as qualidades mais antigas que poderia ter naquele momento um político da UDN: sem favor, um dos elos de conservação do Partido.

O SR. LUIZ VIANA — Muito grato às palavras de V. Ex.^a, que realmente constitui um perfil bem feliz de José Bonifácio, que tanto conhecemos e que tanto admiramos.

Sr. Presidente, durante anos e anos o que nós, seus colegas e seus contemporâneos, assistimos foi à luta sem tréguas travada em várias e memoráveis oportunidades para que a verdade sobrepassasse, vencendo os artifícios ou as ameaças com que se buscava furtá-la ao conhecimento da Nação. Nessa hora e circunstância não foi insuperável. Outros o terão igualmente nessa faixa para trazer ao conhecimento do País demandados, negociados, e desonestidades. Ninguém, entretanto, o superou no empenho, na bravura, no destemor com que enfrentou perigos e obstáculos. Houvesse de destacar um episódio, dentre os muitos que lhe assinalaram a ação parlamentar, nesse nobre e alto mister de verdadeiro defensor do Erário, bastaria invocar o famoso inquérito do Banco do Brasil, que deixou a um famosa sucessão de erros e improbidades. Tudo foi tentado para que o inquérito, realizado, aliás, pelo próprio Banco, não chegasse ao conhecimento público. Ao Andrada, nessa busca da verdade, se haviam unido outros grandes e bravos parlamentares, dentre os quais vale lembrar Aduado Lúcio Cardoso, José Monteiro de Castro, Aliomar Baleeiro e Bilac Pinto. Foi luta memorável. Para terem acesso à própria Assembleia do Banco fizeram-se eles pequenos acionistas da instituição. Tudo, entretanto, lhes seria negado. A batalha durou meses, se não anos. Nada, entretanto, logrou arrefecer o entusiasmo, pertinácia, e também a astúcia do combatente, para desvendar o escândalo que se desesvaia sepultar sob pretexto do sigilo bancário. Desvendá-lo parecia, porém, impossível. Até que um desses dias de claridade José Bonifácio chegou à Câmara sobraçando o primeiro volume do rumoroso inquérito, que por todos os meios se buscava esconder. Era a vitória do deputado feito detetive para desmascarar a fraude, fonte de lucros fabulosos para alguns poucos beneficiários, todos eles da intimidade governamental. Ainda tenho presente na memória a perplexidade da Bancada do Governo diante da sensacional descoberta, que permitia e até exigia puxar o fio da meada, que se pretendia esconder sob a alegação dos inconvenientes de um escândalo de tal porte. Aqui está, Sr. Presidente, as palavras com que José Bonifácio repercutiu o engodo da inconveniência do escândalo: "Nada mais fantasioso, — dizia —. Não há sigilo bancário onde há crime a punir. É preciso universal. E como se poderá saber se há crime a punir sem a prévia investigação na escrita dos bancos e na das firmas comerciais? Quanto ao escândalo que em zelo suspeito pensa que poderá impedir, cumpre se recorde ainda uma vez que o escândalo, se é que vai estourar, estará nunca na publicação dos Inquéritos, mas, sim, nos fatos que ele relacionou. Em tais condições, os responsáveis pelo escândalo seriam os que praticaram os atos e fatos que deram lugar ao inquérito, e jamais os que divulgaram o seu conteúdo". Era assim José Bonifácio — destemido, bravo, franco, leal, incapaz de insidias, lutava de visseira erguida, pronto a enfrentar os riscos que lhe fossem impostos pelo cumprimento dos seus deveres de parlamentar.

Foi dramática a publicação do inquérito, forças poderosas desajavavam subtrair ao conhecimento público. Até um mandato de segurança impetraram os bancos para evitar a divulgação. José Bonifácio levou tudo de roldão, obtendo não só a mudança do Regimento da Câmara, mas também o voto do Supremo Tribunal, que negou a medida. Por fim, graças ao empenho de um homem de bem, cujo nome declino com admiração, publicou-se o inquérito. Esse homem é o atual Governador José Aparecido de Oliveira. Precede a publicação breve prefácio de José Bonifácio, e dele peço licença para reproduzir trechos que julga significativos sobre a bravura do grande parlamentar. Dizia José Bonifácio: "Quando o Jornalista José Aparecido de Oliveira me informou que estava desejoso de publicar em livro a fotocópia que possuo do Inquérito realizado no Banco do Brasil, lembrei-me do que escreveu Martim Francisco, o III, de Santos, na advertência inicial de Viãjando, com referência ao São Paulo de 1926 e que se aplica plenamente ao Brasil de hoje:

"... há, leitor, em São Paulo, terra das unanimidades legislativas e impunidades administrativas, dois partidos sociais: o dos que roubam e o dos que são roubados. Se pertences ao primeiro, fecha este livro; se pertenes ao segundo, recebe um apertado abraço do companheiro e amigo.

Felizmente, poucos terão de fechar os olhos a esta leitura. Em verdade, nenhum outro conselho figuraria melhor no frontispício deste volume."

Em seguida, dava conta das ameaças dos peraltcos que tivera de enfrentar e vencer:

"Primeiro, aconselharam-me em tom amistoso; depois, ameaçaram-me e procuraram me intimidar. Caluniaram-me e me cobriram de injúrias. E foi o tributo que pagam os que zelam pelo Brasil. Em seguida, tentaram sensibilizar a Câmara dos Deputados e principalmente a imprensa onde, aliás, foram estranhamente acolhidos. Do Governo, o primeiro, mas sibiilino denunciador das desonestidades praticadas no Banco do Brasil, conseguiram o silêncio. E quando a Câmara dos Deputados, numa atitude de rara intrepidez, que a recomendará para sempre ao respeito do povo brasileiro, decidiu, em magnífica votação, divulgar no "Diário do Congresso Nacional" os termos do Inquérito, interpuseram num último e desesperado esforço, mandando a segurança perante o Supremo Tribunal Federal a fim de que se anulasse a corajosa manifestação dos parlamentares. Ainda aí não foram ouvidos, tanto vale a força da verdade."

Por fim, ouçamos o que escreveu o intrepido José Aparecido de Oliveira:

"Mas não se consegue iludir indefinidamente a boa fé popular. A verdade é que andamos com muito maior vigor e decisão no sentido fazer valer as conquistas democráticas, que se sublimam no respeito à vontade, ao entendimento e ao direito do povo, do que podemos julgar, perceber ou sentir os chamados profissionais da política. É que se realiza a fase de amadurecimento consciente na vida nacional, em que, com a sua ingente e sofrida contribuição, os verdadeiros construtores da grandeza brasileira passam a se interessar, participar e influir nas definições e nos rumos do seu destino.

A prova aqui está. Os humildes, pobres, trabalhadores, mas honestos, que formam a maioria e são panorama da miséria neste difícil quartel da nossa história, exigiram a publicação deste inquérito. Foi o homem do povo, na reação comvente de sua solidariedade ao Deputado José Bonifácio, que garantiu este resultado. E foi num gesto de rebeldia contra as poderosas forças organizadas des País — desde o governo, os grupos, os grupos econômicos e os maiores da política e das negociações, até à imprensa, que o cidadão comum, companheiro diuturno das dificuldades, fez pesar o movimento de sua opinião. Ninguém detera à sua caminhada, porque ela se inspira nos sentimentos normais e legítimos da vida. Quem despreza a moral, falseia a verdade ou tripudia sobre a incapacidade do seu semelhante, subverte a ordem natural da existência. Há princípios impostergáveis como alicerce e fundamento da moralidade pública. Recalcá-los, afastá-los, por mo-

nós, os mais velhos, os mais antigos, que o acompanhamos naqueles lances dramáticos e imprevisíveis que V. Ex. acaba de recordar nessa tribuna. Minha intervenção é apenas para dizer que, embora escolhida, indicada pela Liderança do PDS, os que conheceram José Bonifácio reivindicam também o direito de se incluir entre os que indicaram V. Ex. para ocupar a tribuna nesta oportunidade.

O SR. LUIZ VIANA — Agradeço as generosas palavras de V. Ex. que realmente faziam falta a este discurso, tanto foi a falta de testemunhas mais ilustres e mais presentes a toda aquela ação parlamentar de que participamos há alguns anos. Grato a V. Ex. por esta contribuição que, realmente, completa o perfil de José Bonifácio.

Sr. Presidente, Sr. Senadores, dizia José Bonifácio:

O político, embora incompreendido, é indispensável a qualquer sociedade onde há povo, e não à massa manipulada pelos demagogos, fruto dos monólogos próprios de técnicas conhecidas no passado e hoje reforçadas no presente. Quando digo o povo, refiro-me ao somatório de pessoas conscientes de seus próprios problemas e da sua comunidade, sempre a aspirar alguma coisa, a desejar alguma pretensão, a falar de algum problema ou mesmo curioso das questões que rondam a vizinhança e o seu bairro e ainda a sua cidade e o seu país. O homem do povo, o cidadão de todos as condições sociais por isto veio ao político, ora para saber como corre a solução dos problemas coletivos, mas comumente vai ao político para conseguir que sejam resolvidas as questões que dizem respeito a grupos sociais em que se acham inseridos ou, então, a socializar, com justa razão, pedidos que repercutem na sua vida particular, na sua vida familiar. O político é o intermediário para alcançar a decisão desejada e pedida." 3.9

Ai tensões o grande homem público, que hoje lembramos com orgulho e saudade. Faze-mo-lo sem esquecer e exaltando essa grande mulher, esposa incomparável, e extraordinária D. Vera, sempre tão presente e tão afetuosas, em toda a vida do eminente brasileiro. Aqui estão os seus filhos, zelosos da glória dos Andradas na vida pública brasileira. Certa feita, lembrou José Bonifácio estas palavras do poeta que recolhera os Contos de Oseian:

"Os homens se sucedem como as folhas dos bosques ou as ondas do oceano, mas a glória dos beneméritos não se apagará, antes há de crescer como o carvalho que opõe sua copa frondosa aos vãos assaltos das tempestades."

Como o carvalho, José Bonifácio foi homem de muitas tempestades. Enfrentou-as bravamente. Hoje ele aí está, perene, admirável, enaltecendo a História do Parlamento. (Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador Alfredo Campos.

O SR. ALFREDO CAMPOS (PMDB — MG. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

As semanas agitadas que esta Liderança do PMDB tem tido certamente foi o motivo de somente anteontem ter-me inteirado desta homenagem tão justa e merecida.

A minha primeira intenção foi indicar o meu colega de Bancada Senador Hamar Franco para discursar em nome do PMDB, o meu Partido. Se não o fiz, foi por estar o nobre Senador mineiro viajando. Assim, chamei a mim esta tarefa, desincumbindo-me de tão honrosa missão.

Perdeu o Brasil, no último 18 de fevereiro, um parlamentar de envergadura singular, na figura de José Bonifácio Lafayette de Andrada.

Durante oito mandatos, em trinta e dois anos como deputado federal, "Zezinho Bonifácio", ou "o velho Doutor Zezinho", manteve a tradição da família Andrada, que, desde a Independência do Brasil até os nossos dias, apenas durante um breve período de doze anos esteve ausente do Parlamento brasileiro.

Iniciada pelo grande, "Patriarca da Independência", antepassado direto de José Bonifácio, a tradição política desta grande família veio se mantendo, no correr dos anos, sempre bem representada por nomes dos mais ilustres no cenário nacional.

José Bonifácio Lafayette de Andrada em nada desmereceu a tradição familiar.

O seu falecimento, aos 81 anos de idade, priva o Brasil de uma figura curiosa e fascinante.

Inicialmente filiado ao Partido Republicano Mineiro, surgiu na política com a Revolução de 30. Foi, posteriormente, um dos fundadores da União Democrática Nacional — a UDN, onde permaneceu até o advento do bipartidarismo. Filiou-se, então, à ARENA. Permaneceu na política até 1978, quando afastou-se da vida parlamentar por motivos de saúde.

Agraciado com o título de "o último político engaçado do País", o Doutor Zezinho pertenceu a uma geração de homens públicos para os quais a política, principalmente a política mineira, era vinculada à honra, de maneira extrema, transformada em questão de vida e de morte.

Foi, portanto, um testemunho inquestionável do respeito merecido por José Bonifácio a manifestação de pesar, pela sua morte, externada por Bias Fortes, representante de uma família tradicionalmente inimiga política dos Andradas. Como noticiou um jornal, dois dias após o falecimento de José Bonifácio, o seu enterro "foi transformado numa cerimônia de conciliação política em Minas".

Nascido em 1904, na cidade de Barbacena, José Bonifácio formou-se em Direito no Rio de Janeiro. Constituinte em 1946, eleito oito vezes Deputado Federal, foi Primeiro-Secretário e Presidente da Câmara dos Deputados, além de Líder do Governo Geisel na Câmara.

As suas frases, satíricas e irônicas, tornaram-se famosas:

"Eu sou um político faccioso e acho que político tem que ser faccioso mesmo. Quem tem de ser neutro e imparcial é juiz de futebol", disse ele, com sua conhecida sinceridade.

O Sr. Gastão Müller — Permite V. Ex. um aparte?

O SR. ALFREDO CAMPOS — Pois não. Ouço, com grande honra, o aparte de V. Ex., nobre Senador Gastão Müller.

O Sr. Gastão Müller — Nobre Senador, fui liderado de José Bonifácio, meu querido Zezinho. Tive com ele amenas conversas e sou-lhe grato, porque me designou para relator do projeto da nova Lei de Segurança Nacional. Já estava no fim dos meus tempos na Câmara dos Deputados, mas foi essa oportunidade que "Zezinho Bonifácio" me deu que fez com que meu nome obtivesse projeção, vamos dizer, de cunho nacional. Toda a grande imprensa brasileira me fotografou e entrevistou, dando-me prioridade, então, para que eu ficasse conhecido nacionalmente, por ser relator de uma lei de tanta importância, naquela época em que se vivia um regime de exceção. José Bonifácio me acompanhou, discutiu comigo todas as emendas, que eram em número muito grande, aceitou quase todas que representavam um espírito mais liberal da Lei de Segurança Nacional, principalmente o art. 50, muito polêmico. Como relator, logo me indispus com esse dispositivo. José Bonifácio foi até a minha casa conversar. Mantive contatos com o Palácio do Planalto, ajudando-me a relatar aquele projeto. Quanto ao art. 50, ele aceitou que se fizessem as modificações que o tornava menos violento. Depois, me telefonou às 19 horas e 30 minutos da noite — morávamos no mesmo edifício na SQS 111 — e disse-me: — "Gastão, não dá. A ordem superior é que se mantenha o artigo como está". Respondi: "Tudo bem, cumpram-se as ordens. Não se modifica aquele artigo". Nessas conversas amenas com José Bonifácio, ele me deu lições curiosas. Com aquele espírito de humor que tinha, me disse certa feita: "Gastão, quando você tem um amigo chato que telefona dizendo que o vai visitar e se esquece da hora de sair, você fala o seguinte: estou com minha mulher saindo para te visitar. Espera aí na sua casa, porque vou aí. Ai, você sai à hora que quer, e não fica aturando o sujeito até 1 hora, 2 horas da manhã". Outra lição que ele me deu muito curiosa: "Quando você tem um assunto com uma pessoa que quer conversar particularmente e

combina um jantar ou um almoço, você nunca vá ao restaurante que frequenta normalmente, porque você vai encontrar um bando de pessoas para atrapalhar a conversa. Ou você vai a um restaurante de nível muito superior ao que a sua comunidade frequenta ou a um de nível bem inferior, senão será perturbado nessa conversa particular que teria com o amigo". E assim outras lições que ele me deu, como homem que tinha o prazer de transmitir conhecimentos políticos, de transmitir lições de vida aos mais jovens que se aproximassem dele.

De modo que eu sou muito chegado à memória de José Bonifácio, principalmente por uma razão muito simples e principal, eu me considero um homem político e ele era eminentemente político, político total, no sentido global da palavra.

Minhas homenagens à memória de José Bonifácio.

O SR. ALFREDO CAMPOS — Muito grato a V. Ex., Senador Gastão Müller, por arribanhar o meu pronunciamento com este seu depoimento verdadeiro sobre a vida do meu caro contrerâneo Zezinho Bonifácio.

Continuo, Sr. Presidente, Srs. Senadores: "Dizem que só anuncio coisas ruins" — dizia Zezinho Bonifácio. "Conversa. Eu digo o que vai acontecer, enquanto a maioria dos políticos diz o que gostaria que acontecesse".

E disse mais; "O PMDB é uma partido do Sim. A Arena, do Sim, senhor".

A um deputado mineiro, que o aparteara, acusando-o de ser um "municipalóide", respondeu José Bonifácio: "E V. Ex. é um cabeça de celulóide", provocando as gargalhadas do Plenário.

Também expressava, com personalidade, a sabedoria intuitiva dos grandes, em assuntos vários. Disse, por exemplo, que: "mulher de político é fogo. E sabem por quê? Porque nós políticos, quando brigamos com outros políticos, só contamos para as nossas mulheres o que nossos adversários fizeram contra nós e nunca o que nós fizemos contra eles. A gente depois se reconcilia, mas a mulher não perdoad".

Famosa ficou a sua frase, para sempre incluída no folclore político: "Em briga de marido e mulher, não deve entrar nem o marido".

Assim era José Bonifácio Lafayette de Andrada, irônico, lutador, exemplo de civismo, de bravura na defesa de seus princípios e pontos de vista.

O Sr. Amaral Peixoto — Permite V. Ex. um aparte?

O SR. ALFREDO CAMPOS — Com muita honra, nobre Senador Amaral Peixoto.

O Sr. Amaral Peixoto — Ilustre Líder Alfredo Campos, tinha todos os motivos, desde a infância, para estar ligado por grandes relações de amizade de família a José Bonifácio. Mas o destino reservou-nos campos opostos; só estivemos juntos na Revolução de 1930; depois, enquanto eu era interventor, ele assinava o manifesto dos mineiros; quando fundei o PSD, ele assinava o manifesto da fundação da UDN. Na candidatura Juscelino Kubitschek, dividimo-nos novamente — foi sempre assim: eu de um lado, ele de outro. Mas confortou-me, extraordinariamente, em momento difícil da minha vida, quando assumi no meio de grande confusão a Presidência Interina do meu Partido, ouvir de seu filho as referências que ele a mim fez, dizendo que, se eu fazia aquilo, era por patriotismo. Ele reconheceu no antigo adversário, embora companheiro, amigo dos seus primeiros dos tempos de colégio, reconheceu essa qualidade e não viu nenhuma ambição, nenhum desejo de me aproximar do Governo — como não me aproximou durante este período em que exerci a Presidência do PDS. Peço desculpas a V. Ex. por interromper o seu brilhante discurso, mas queria registrar essa posição de José Bonifácio, em relação não a um inimigo, mas a um adversário, adversário de toda a vida, mas mantendo com ele as melhores relações pessoais. Muito Obrigado a V. Ex.

O SR. ALFREDO CAMPOS — Senador Amaral Peixoto, nós é que ficamos muito agradecidos ao aparte de V. Ex. O aparte de V. Ex. não é mais um depoimento sobre Zezinho Bonifácio, é o depoimento sobre aquele meu grande contrerâneo. Por isso, sou eu que agradeço a V. Ex. a oportunidade de ouvir este depoimento histórico, este depoimento de alto valor político, que é o depoimento de V. Ex.